

# Amyraldianismo

Hermisten Maia Pereira da Costa

Chama-se Amyraldianismo o sistema criado pelo teólogo francês Moisés Amyraut (1596-1664),<sup>1</sup> que também recebe o nome de “Predestinação Universal Hipotética,” “Pós-Redencionista,” “Universalismo Hipotético,” “Universalismo Hipotético da divina graça.”

Amyraut — que se considerava um genuíno intérprete de Calvino — sustentava a idéia de que Deus em Cristo proveu a salvação para todos, todavia só serão salvos aqueles que se apropriarem da salvação pela fé, que é um dom de Deus.

No seu sistema há uma síntese entre o “Universalismo” e o “Particularismo.” Na realidade a sua formulação não passa de um modo “semi-calvinista”<sup>2</sup> de compreender a obra expiatória de Cristo.

Segundo a interpretação de Louis Berkhof (1873-1957), os “universalistas calvinistas,” entre os quais ele inclui Amyraut e a escola de Saumur,

Distinguiam um duplo decreto de Deus: a) Um decreto para enviar a Cristo ao mundo para salvar todos os homens por Sua morte expiatória, com a condição da fé nele. Contudo, porque Deus viu que este propósito fracassaria, dado que ninguém aceitaria a Cristo pela fé, Ele propôs um segundo decreto ao primeiro. b) Um decreto para dar a um certo número de pecadores, a saber, aos eleitos, uma graça especial, com o fim de gerar fé nos seus corações e garantir a sua salvação.<sup>3</sup>

A teoria de Amyraut pode de fato ser chamada de “Pós-Redencionista”, pelo fato de conceber o Decreto da Eleição como sendo posterior ao Decreto da Redenção.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Moisés Amyraut nasceu em Touraine e morreu em Saumur. Antes de estudar teologia, formou-se em Direito (1616) na Universidade de Poitiers. Curiosamente, por este mesmo ano (1616), passava pelo curso de Direito da mesma universidade, Descartes (1596-1650) (Vd. Émile Bréhier, *História da Filosofia*, São Paulo, Mestre Jou, 1977, II/1, p. 49 e Michele F. Sciacca, *História da Filosofia*, 3ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1968, Vol. II, p. 77). Amyraut foi profundamente influenciado pelo seu mestre, o teólogo escocês John Cameron (c. 1577- 1625) — que lecionou Teologia em Saumur no período de 1618-1621 ou 1619-1624 — (Vd. Camero: In: John M’Clintock & James Strong, *Cyclopaedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, Vol. II, p. 54 e Jean Delumeau, *O Nascimento e Afirmação da Reforma*, São Paulo, Pioneira, 1989, p. 226), durante os seus estudos teológicos em Saumur. (Academia fundada em 1604 pelo protestante calvinista francês Philippe Mornay (1549-1623), conhecido como Duplessis-Mornay, que foi governador de Saumur em 1589-1621). “Na Academia de Saumur, observa Delumeau, freqüentada não apenas por estudantes protestantes, mas também por Católicos, durante muito tempo não soprou o vento do lado da ortodoxia.” (Jean Delumeau, *O Nascimento e Afirmação da Reforma*, p. 226). No entanto, ela exerceu uma grande influência na difusão do Protestantismo em parte da França (Cf. Roger Doucet, Phillipe de Mornay: In: Harry S. Ashmore, Editor in Chief. *Encyclopaedia Britannica*, Chicago, Encyclopaedia Britannica, INC. 1962, Vol. 15, p. 807). Em 1626, Amyraut passou a lecionar em Saumur, assumindo a cátedra de Teologia em 1633. Amyraut publicou cerca de trinta livros. Entre as suas obras, destacamos: *Tratado a Respeito das Religiões* (1631); *Breve Tratado da Predestinação* (1634); e *Ética Cristã*, (6 vol.) (1652-1660).

<sup>2</sup> Cf. expressão de James O. Buswell, *A Systematic Theology of the Christian Religion*, Grand Rapids, Michigan, Zondervan Publishing House, © 1962, Vol. II, p. 134.

<sup>3</sup> L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP., Luz para o Caminho, 1990. p. 395.

<sup>4</sup> Cf. Philip Schaff, *COC.*, I, p. 481.

B. B. Warfield (1851-1921) chama esse Calvinismo de “inconsistente.”<sup>5</sup> Isto porque, segundo a lógica do raciocínio desta teoria teríamos que admitir que Deus mandou seu Filho morrer por todos, desejando, todavia, salvar apenas alguns, ou pelo menos, sabendo que apenas alguns seriam salvos.

Uma forma corrente de expor este pensamento é: “A Salvação é suficiente para todos e eficiente para os que crêem.” Este dito é proveniente da compreensão dos Agostinianos, que diziam que a morte de Cristo foi “suficientemente para todos, eficientemente somente para os eleitos” (*Sufficienter pro omnibus, efficaciter tantum pro electis*).<sup>6</sup> Por certo muitos de nós já ouvimos esta afirmação em nosso meio, a qual tem sido difundida como “puro calvinismo.” Calvino, de fato, é ambíguo nesta questão, sendo difícil estabelecer qual é o seu ponto de vista definitivo.<sup>7</sup> De qualquer forma, mesmo sem se deter demasiadamente neste assunto, ele dá indícios do seu pensamento em diversos lugares.<sup>8</sup> Conforme já mencionamos acima, Calvino comentando o passagem de 1Jo 2.2 cita a fórmula Agostiniana, considerando-a correta, no entanto, não a julga pertinente ao texto analisado.<sup>9</sup>

Segundo a interpretação que Lewis S. Chafer (1871-1952) faz deste pensamento, que ele chama de “Redencionista ilimitado,” a morte de Cristo por si mesma não salva ninguém, nem real nem potencialmente, senão que faz a todos os homens salváveis; deste modo, a salvação é realizada somente por Deus no momento em que o indivíduo crê.<sup>10</sup>

Seguindo este raciocínio, teríamos de admitir que a salvação seria apenas uma possibilidade, não uma realidade concreta. Devemos ter em mente, que a salvação de Cristo não é abstrata, antes é para um povo específico, para uma realidade concreta. Packer expõe bem o pensamento Bíblico-Reformado, quando declara:

Cristo não obteve uma salvação hipotética para crentes hipotéticos, uma mera possibilidade de salvação para qualquer indivíduo que quisesse crer. Antes proveu uma salvação real para todo o seu povo escolhido.<sup>11</sup>

Portanto, a teoria de Amyraut nada mais é do que uma tentativa de síntese do Calvinismo com o Arminianismo. “Amyraut (...) ficava a meio caminho entre o Calvinismo de Dordrecht o Arminianismo.”<sup>12</sup>

A. A. Hodge (1823-1886) observa que a teoria de Amyraut estava de acordo com a Teologia Reformada, ao afirmar que a doutrina da eleição depende unicamente da boa

<sup>5</sup> B. B. Warfield, *El Plan de la Salvación*, Grand Rapids, Michigan, T.E.L.L. (1966), p. 81.

<sup>6</sup> Charles Hodge, *Systematic Theology*, 11, p. 546. Ainda que Hodge não especifique estes “agostinianos,” suspeito que ele se refira ao pronunciamento feito pelo partido agostiniano no Concílio de Valença, em 853. Vd. Reinhold Seeberg, *Manual de Historia de las Doctrinas*, El Paso, Texas/Buenos Aires/Santiago, Casa Bautista de Publicaciones/Editorial “El Lucero”, 1963, Vol. II, 48.

<sup>7</sup> Nota do *Monergismo.com*: Ver o seguinte artigo:

[http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Calvino\\_Expiacao\\_Leandro.pdf](http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Calvino_Expiacao_Leandro.pdf)

<sup>8</sup> Vejam-se: *As Institutas*, 11.15.2. e, J. Calvino, *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1981. Jo 1.29: 6.45; Rm 1.16; 5.18-19; 10.16; Hb 9.15,28; 1 Jo 2.2. [Veja-se, também, uma boa discussão sobre o assunto, em William Cunningham, *Historical Theology*, Londres, The Banner of Truth Trust, (c. 1862), Reprinted 1969, Vol. 2. pp. 323-370].

<sup>9</sup> Vd. *Calvin's Commentaries*, Grand Rapids, Michigan, Baker Book House, 1981, Vol. 22, in. loc. pp. 172-173.

<sup>10</sup> L. S. Chafer, *Teologia Sistemática*, Dalton, Georgia, Publicaciones Españolas. 1974. Tomo I, p. 1001.

<sup>11</sup> J. I. Packer, *O “Antigo” Evangelho*, São Paulo, Fiel, 1986, p. 16. Vejam-se, também: *Confissão de Westminster*, X. 1 e *Catecismo Maior de Westminster*, Perguntas: 67 e 68.

<sup>12</sup> Jean Delumeau, *O Nascimento e Afirmação da Reforma*, p. 227. Vd. também, L. Berkhof, *A História das Doutrinas Cristãs*, São Paulo, PES., 1992, p. 171

vontade de Deus; por outro lado, diferia dos Reformados e, se assemelhava à teoria arminiana, quando fazia o decreto da redenção preceder ao decreto da eleição.<sup>13</sup>

Amyraut encontrou forte oposição entre muitos teólogos Reformados da França, Suíça e Holanda. Ele foi processado por heresia em três Sínodos nacionais: Alençon (1637), Charenton (1644-1645) e Loudun (1659), obtendo, entretanto a absolvição, sendo apenas advertido de forma moderada quanto ao uso de determinados termos.<sup>14</sup> No entanto, isto não foi suficiente aos olhos de determinados teólogos, que consideravam perigosas as afirmações de Amyraut. Assim, onze anos após a sua morte, a sua teologia foi condenada na *Formula Consensus Helvética* (1675), a qual negava a “expição universal.” Esta *Formula*, foi a última Confissão doutrinária da Igreja Reformada na Suíça, encerrando o período de credos Calvinistas. Ela tem sido chamada de “Símbolo Secundino,” “Formula Anti-Saumuriensis,” ou “AntiAmyraldensis.” Ela foi elaborada pelo professor John Henry Heidegger, de Zurique (1633-1698); pelo Rev. Lucas Gernler, de Basileia (1625-1675) e pelo professor François Turretini, de Genebra (1623-1687).<sup>15</sup> A principal obra de Turretini — o campeão da ortodoxia calvinista no século 17 — foi o “lúcido e competente manual de Teologia Sistemática,”<sup>16</sup> *Institutio Theologicae Elencticae* (Genebra, 1679-1685. 2ª ed. 1688 em 3 volumes), que exerceria mais tarde, uma forte influência na Teologia de Princeton, sendo adotada por Archibald Alexander (1772-1851) como livro-texto<sup>17</sup> no Seminário de Princeton, desde à sua fundação em 1812. Charles Hodge (1797-1878), que fora aluno e sucessor de Alexander, lecionando Teologia Exegética e Didática na mesma instituição (1840-1878),<sup>18</sup> adotou também o livro de Turretini,<sup>19</sup> tendo profundo respeito por este. Conforme já citamos, em 1845, Hodge escreveria a respeito de Turretini: “... No todo, o melhor escritor de teologia sistemática que conhecemos. Não obstante a tintura de escolasticismo que está presente em sua obra, ela se adapta, de modo admirável, à situação atual da teologia em nosso país.”<sup>20</sup> Recordemos que A. G. Simonton (1833-1867), aluno de Hodge,<sup>21</sup> estudou teologia nesta obra, já que a Teologia Sistemática de Hodge — ainda em fase de elaboração — só substituiria o livro de Turretini a partir de 1872-1873.<sup>22</sup>

Finalizando este assunto, gostaríamos de enfatizar que o que temos tratado aqui não se refere ao poder da expiação de Cristo. Caso fosse esta a questão, não teríamos dúvida em afirmar a suficiência do sacrifício de Cristo para salvar a todos os homens; antes,

<sup>13</sup> Vd. A.A. Hodge, *Esboços de Teologia*, p. 212.

<sup>14</sup> Cf. Reinhold Seeberg. *Manual de Historia de las Doctrinas*, Vol. II, p. 412.

<sup>15</sup> Cf. P. Schaff, *COC.*, I, p. 478.

<sup>16</sup> John T. McNeill, *The J-Jistory and cha racter of Calvinism*, NovaYork, Oxford University Press, 1954, p. 406.

<sup>17</sup> Estudado em latim. A *Institutio* só teria uma nova edição em 1847/1848, (em quatro volumes), editada na língua latina em Edimburgo e Nova York. George M. Giger (1822-1865) — antigo professor de Princeton e amigo de Charles Hodge — traduziu essa obra para o inglês. A sua tradução, composta de 8 mil páginas manuscritas ficava na biblioteca do Seminário de Princeton à disposição dos alunos para consulta, conforme indicação de Charles Hodge. A tradução de Giger após revisão e correção foi editada por James T. Dennison, Jr., sendo publicada em três volumes: F. Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, Phillipsburg, Nova Jersey, Presbyterian and Reformed Publishing Company, Vol. 1, 1992; Vol. 2, 1994; Vol. 3, 1997. (Vd. F. Turretin. *Institutes of Elenctic Theology*, Vol. 1, p. XXVII, *Editor's Preface*; III, p. 648, *The Life and Career of François Turretini*).

<sup>18</sup> Hodge ingressou em 1816 no Seminário de Princeton, após estudar no Princeton College. Ele tornou-se professor em 1822 e, em 1840, sucessor imediato de Archibald Alexander, permanecendo nesse cargo até a sua morte em 1878, tendo publicado a sua monumental Teologia em 1872-1873.

<sup>19</sup> Sobre isso, cf. p. 252, n. 90.

<sup>20</sup> Artigo provavelmente escrito por Charles Hodge, *Presbyterian Review*, p. 190. Vd. Mark A. NoII, org. *The Princeton Theology: 1812-1921*, p. 29 e John H. Leith, *A Tradição Reformada: Uma maneira de ser a comunidade cristã*, p. 186.

<sup>21</sup> Sobre isso, cf. p. 253, n. 93.

<sup>22</sup> Sobre a influência de Princeton fora dos limites presbiterianos, cf. p. 253, n. 95

o que estamos tentando mostrar, é que o jogo de palavras constituído de “suficiência” e “eficiência” desloca o foco da questão. “Não discutimos o alcance do poder da morte expiatória de Cristo, mas sim, o objetivo de Sua morte.” Cristo morreu pela sua Igreja.<sup>23</sup> Por isso, reafirmamos: Cristo morreu para salvar os seus; deste modo, a sua morte é suficiente e eficaz para salvar todo o seu povo e somente o seu povo, conforme o seu decreto eterno (Vd. Is 53.10,11; Mt 1.21; Jo 6.37- 40,44,65; 10.14,15, 24-29; 17.6-26; Rm 5.12-21; Ef 5.25-27).<sup>24</sup>

### **Representantes do Amyraldianismo**

Esta interpretação encontrou inúmeros adeptos, mesmo entre os teólogos reformados. Como exemplo, citamos: H. L. J. Heppie (1820-1879); Richard Baxter (1615-1691); S. Hopkins (1721-1803); A. H. Strong (1836-1921),<sup>25</sup> L. S. Chafer (1871-1952),<sup>26</sup> John Edwards (1637-1716) (não confundir com Jonathan Edwards); J. Bellamy (1719-1790); T. Fuller (1608-1661); J. A. Ferreira.<sup>27</sup>

**Fonte:** *Raízes da Teologia Contemporânea*, Hermisten Maia Pereira da Costa, Editora Cultura Cristã, p. 331-335.

<sup>23</sup> Vd. Anthony Hoekema, *Salvos pela Graça: A Doutrina Bíblica da Salvação*, p. 65.

<sup>24</sup> Vejam-se: *Cânones de Dort* (1618-1619), II.3/II.8; *Confissão de Westminster* (1647), III.6; VII e VIII; *Catecismo Maior de Westminster* (1648), Perguntas: 30-36,41.

<sup>25</sup> Augustus H. Strong, *Systematic Theology*, p. 771-773, 778.

<sup>26</sup> L. S. Chafer, *Teologia Sistemática*, I, p. 999-1022.

<sup>27</sup> Ferreira usa a fórmula Agostiniana empregada por Amyraut, daí eu incluí-lo aqui. (Vd. Júlio A. Ferreira, *Caminhos Inescrutáveis*, Campinas, SP., Luz para o Caminho, 1985, p. 39).